



UM ESTUDO SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DO PERFIL DOS ARQUITETOS E URBANISTAS

Lucas Paiva¹
Renata Filippetto Oliveira²

Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix

Resumo

O presente trabalho é resultado da monografia de final de curso de Arquitetura e Urbanismo, e teve origem a partir de um problema identificado ao longo da disciplina de Seminário de Prática Profissional, no Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix em Belo Horizonte. Identificou-se a semelhança do modo de atuação do arquiteto e urbanista ao de empreendedores. Para compreender a adequação da estrutura de aprendizagem e experiência profissional dos profissionais de Arquitetura e Urbanismo ao empreendedorismo, foi realizado um levantamento histórico da profissão e entrevistas com profissionais de sucesso sobre sua aprendizagem e aperfeiçoamento de trabalho.

Palavras-chave: Educação profissional; Perfil profissional; Ensino de Arquitetura e Urbanismo

Introdução

O arquiteto e urbanista é um profissional completo e generalista, preparado para atuar em vários campos, dentro de seu exercício legal. No entanto, é sabido que o profissional não deixa a academia com sua formação completa.

Segundo TOSETTO (2015), o início da vida profissional do arquiteto e urbanista nada mais é do que um reflexo e uma continuidade de sua vida acadêmica, ele ainda é um

¹ Graduado em Arquitetura e Urbanismo. Lucas. paiva8000@hotmail.com.

² Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. renatafilippetto@gmail.com.



profissional em formação. Caso tenha tido uma boa passagem pela universidade, é mais provável que o jovem entre no mercado de forma mais rápida e com sucesso.

Ao se falar em ter feito um bom curso na universidade, Tosetto não se refere às notas do estudante, mas sim à sua rede de contatos criada, suas pesquisas e trabalhos publicados, na experiência profissional adquirida com estágios, leitura de livros e artigos, e nas pesquisas extracurriculares. Estes quesitos são o que já introduzem a especialização do estudante em uma determinada área, e contribuem para sua penetração efetiva no mercado de trabalho e não os números que constam no histórico escolar.

Partindo da concordância deste ponto de vista e do seguinte problema investigado como trabalho teórico do Trabalho Final de Graduação (TFG) no segundo semestre de 2016, este artigo reflete sobre a falta de percepção por parte dos estudantes e profissionais de arquitetura e urbanismo de suas habilidades e importância de seu potencial empreendedor. O objetivo geral do trabalho teórico é contribuir para a valorização da profissão arquiteto e urbanista, mostrando a estes profissionais seu potencial empreendedor.

Como objetivos específicos do presente trabalho, tem-se: Estudar a história da profissão do arquiteto e urbanista para melhor entender os fatores que levaram o ofício a seu patamar atual; conceituar empreendedorismo e analisar seus aspectos na postura do profissional de arquitetura e urbanismo, para encontrar semelhanças na prática profissional de ambos; estudar a forma de pensar de arquitetos e urbanistas da história e contemporaneidade que tenham tido êxito em alguma inovação, e relacionar seu pensamento às características de um empreendedor para melhor relacionar a atitude empreendedora à profissão; estudar a trajetória de arquitetos renomados da cidade de Belo Horizonte, e de professores universitários de Arquitetura e Urbanismo para entender quais desafios eles enfrentaram ao longo de sua carreira, e tentar identificar o perfil empreendedor deles.

Neste trabalho, entende-se profissão como atividade ou trabalho especializado dentro da sociedade, ou atuação.

Metodologia

Na construção da monografia em que este artigo se baseia, a narrativa histórica da profissão do arquiteto e urbanista desde a antiguidade até a contemporaneidade foi sintetizada dos livros de Leonardo Benévolo, Jonathan Glancey e Vitruvius para legitimar os fatos históricos. Sobre a história do ensino de arquitetura no mundo e no



Brasil, foi utilizado o livro “O círculo privilegiado”, de Garry Stevens, e de artigos publicados por professores de universidades brasileiras.

Para fundamentar o conceito de empreendedorismo, baseou-se em trabalhos científicos de Dornelas, Baron, Shane. Também o livro "Arquiteto 1.0: Um manual para o profissional recém-formado", de Ênio Padilha, e Jean Tosetto, foi referencial para esta pesquisa.

Esta pesquisa também se baseou em registros de livros, e publicações oficiais em *sites* acadêmicos de arquitetura.

Resultados e Discussões

Atualmente o mercado nacional da arquitetura e urbanismo não comporta o número de arquitetos que se formam no Brasil. Segundo dados do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU/BR) e a Associação Brasileira de Escritórios de Arquitetura (ABEA), são aproximadamente seis mil novos profissionais a cada ano, que em sua grande maioria, mais precisamente 80%, forma sem emprego na área. O resultado disso é um número expressivo de profissionais desempregados, que se lançam como autônomos ou jovens empreendedores.

O alto potencial criativo dos profissionais ligados às áreas de design, arquitetura, e artes visuais, acaba sendo limitado às habilidades individuais de cada profissional, seja em projetos arquitetônicos, obras de arte, identidades visuais, etc. Não se pode afirmar com precisão se tal limitação é oriunda de uma defasagem do ensino acadêmico, ou se pode ser relacionada à falta de educação financeira do ensino brasileiro em geral. No entanto, é possível afirmar que a ausência desses conteúdos não ocorre apenas nas escolas de arquitetura, mas no ensino superior, médio e fundamental no Brasil.

Enquanto há muitos profissionais liberais ou associados a outros, muitos recém-formados passam a seguir o mesmo caminho logo ao ter o diploma em mãos. Por isso a importância em discutir as habilidades inatas do arquiteto e urbanista no que cerne ao empreendedorismo. No presente texto, habilidade refere-se à capacidade e disposição de se fazer algo com certo nível de destreza.

Arquitetos na História



Historiadores acreditam que a arquitetura nasceu assim que o homem resolveu se sentar sobre uma pedra dentro de uma caverna, e chamou inconscientemente aquilo de abrigo, ou quando começou a cavar suas próprias moradas com um emaranhado de palhas e folhas servindo de teto. No livro “A História da Arquitetura”, Glancey diz que: “A arquitetura surgiu da primeira moldagem consciente de lares, monumentos e cidades, há cerca de oito ou nove mil anos [...]” (GLANCEY, 2001, p. 13, grifo nosso)

Em algum momento na história da vida humana, nossos ancestrais precisaram concentrar suas vidas em determinados locais, e ali produzir alimento no lugar de coletar e caçar como nômades. Era necessário que suas moradas fossem às margens dos rios, para que tivessem água para beber e irrigar suas plantações, e terras férteis, como foi o caso do Rio Nilo e os rios que desaguavam no Mar Mediterrâneo, locais onde conseqüentemente, surgiram as primeiras civilizações. “Assim, a arquitetura mais antiga e as primeiras cidades surgiram no que hoje conhecemos como Egito, Israel, Iraque e Irã.” (GLANCEY, 2001).

Não existem muitos documentos que comprovem o surgimento da figura do arquiteto em si. Pode-se afirmar em contrapartida que o ofício é antigo, e o indivíduo que o exercia já fora conhecido como engenheiro-arquiteto.

Na história da técnica, a figura do engenheiro moderno foi construída progressivamente. No entanto, a arte do engenheiro data da mais alta Antiguidade: cita-se frequentemente a primeira pirâmide de Saqarah, construída por volta de 2700 a.C. por Imhotep, arquiteto, médico, e ministro do faraó Djezer. (BELHOSTE, 2011, p.1)

Já na Antiguidade Clássica, segundo o autor citado acima, além de projetar edifícios e monumentos, o engenheiro-arquiteto também era responsável pelo planejamento das cidades, e tinha forte contribuição no progresso de técnicas dos cercos militares. Isso mostra o quão polivalente era o ofício, e a pluralidade de conhecimento que os indivíduos precisavam ter. Naquela época, já era importante a ordem e uma preocupação quanto à forma de pensamento técnico. Sendo assim, o arquiteto também se tornava responsável por planejar como seria o funcionamento dos canteiros de obra.

Infelizmente, não restaram muitos documentos que detalhem como era o modo de viver dos arquitetos gregos e romanos. A maior parte da literatura sobre os engenheiros desapareceu por volta do século II d.C., e os únicos documentos escritos sobre as técnicas provém de administradores desta época. (BELHOSTE, 2011).



Apesar da falta de registros históricos de validade, Belhoste em seu artigo, “A figura do Arquiteto-Engenheiro na Antiguidade”, pressupõe algumas hipóteses que devem ser consideradas, quanto ao seu perfil profissional e formas de aprendizado, com base nos Dez Livros da Arquitetura, de Vitruvius.

Em primeiro lugar, o arquiteto pertencia plenamente ao mundo dos empreendedores, mestres pedreiros e carpinteiros, que trabalhavam nos canteiros de obras. A palavra grega *architectôn* designa, aliás, na origem, o mestre-carpinteiro. A profissão transmitia-se em geral pela tradição familiar, frequentemente de pai para filho, que formavam verdadeiras dinastias de técnicos, como as dos arquitetos do grande túmulo de Petra do século I d.C. Os pais, segundo Vitruvius, instruíam as suas crianças e seus próximos. A formação fazia-se assim pela iniciação junto a um mestre arquiteto e a aprendizagem, em um canteiro de obras, como todos os ofícios da profissão. (VITRUVIUS, 1986 apud BELHOSTE, 2011, p. 4, grifo nosso).

Utilizando-se termos contemporâneos para definir o arquiteto da Antiguidade, é possível defini-lo como um profissional autônomo, como o próprio autor afirma.

O sistema de aprendizado era independente de escolas e instituições, e sim baseado na relação entre mestre e discípulo. Seu trabalho não era dedicado apenas a um ofício, e não havia uma relação assalariada. Muito pelo contrário, Belhoste afirma que muitos dos arquitetos romanos foram escravos ou libertos, e socialmente, a profissão não era muito elevada e era frequentemente desprezada: “Eram construtores a serviço de grandes notáveis ou de diretores técnicos responsáveis por atividades públicas de importância, [...] o arquiteto raramente saía do anonimato. Para P. Gros, ele era “quase imperceptível, não tem existência autônoma [...]” (BELHOSTE, 2011, p. 5).

Devido ao fato de o arquiteto ser mal reconhecido na época, seu conhecimento não poderia se limitar apenas a projetos de edificações. No Livro I dos Dez livros de Vitruvius, o autor deixa claro que era exigido do arquiteto conhecimentos de uma cultura geral, baseada nas ciências, na música, letras, astronomia, medicina, história, artes, além de carpintaria e outros trabalhos manuais. Como se percebe na citação abaixo, o arquiteto já possuía características de um gestor: “Profissional e socialmente, ele se unia aos ofícios tradicionais da construção, frequentemente considerado como um simples coordenador do canteiro de obras que assegurava a ligação entre clientes e empreendedores.” (BELHOSTE, 2011, p. 10).

A figura do arquiteto começou a ser valorizada na Antiguidade Clássica quando arquitetos-engenheiros passaram a reivindicar o *status* de intelectuais inventores,



encarnados em algumas figuras ilustres, como Hipodamos ou Arquimedes, como afirma Belhoste. Os mecânicos alexandrinos passaram a exigir do futuro *architektôn* uma educação tão teórica quanto prática desde a infância, mais no ambiente familiar do que nos canteiros de obra, assim como Vitruvius deixava claro em seus livros como para ele deveria acontecer. Um ensino aprofundado na aritmética, na geometria, astronomia e na física. (VITRUVIUS, 2006).

Foi durante a Idade Média que o arquiteto passou a ter um contato mais íntimo com as artes, e quando o profissional, por um curto período de tempo, passou também a ser reconhecido como artista.

Leonardo Benévolo também destaca que enquanto a economia na Idade Média era expansiva e próspera, o que conhecemos como Alta Idade Média, a figura do arquiteto trabalhava em conjunto de forma interdisciplinar com outros profissionais, como pintores, escultores, e figuras que exerciam o trabalho manual. No entanto, quando o sistema feudal começa a declinar, os ofícios começavam a trabalhar de forma mais isolada, numa espécie de atrito entre categorias.

De fato, a organização corporativa funciona vantajosamente na fase de expansão da economia medieval, quando o desenvolvimento da produção busca um objetivo comum para todos os grupos empenhados na corporação, e quando as corporações lutam, juntas, para arrebatar das hierarquias feudais o poder político. (BENÉVOLO, Leonardo. 2001, p. 84)

O contexto social no fim do período medieval não era uma época propícia para que o arquiteto de sobressaísse enquanto o principal responsável pelas construções. Sua forma de operar ainda era estritamente técnica e voltada à funcionalidade do espaço como um todo de maneira racional e puramente operacional. Isso não atendia às exigências da época, que demandavam um pensamento mais religioso e filosófico, e certa hierarquia de poderes expressas diretamente nas construções. “Os protagonistas dessa mudança não são os arquitetos medievais [...] porém os produtores de peças excepcionais, ou seja, os pintores e escultores. (BENÉVOLO, Leonardo. 2001, p. 85).

O resultado dessa separação foi o surgimento de uma nova figura mais próxima do que temos de Leonardo da Vinci, no período do Renascimento. Um artista que não se limitava a apenas trabalhar com uma única categoria de objetos, mas sim uma personalidade mais abrangente, que tinha as qualidades de um pintor e escultor, e por



consequência da prática em elaboração de formas tridimensionais com olhar sob uma perspectiva bidimensional, também construtor. Como Benévolo ressalva:

Ainda segundo o autor, uma vez que a figura do arquiteto une construção e arte, por um período de tempo o profissional era responsável não só pela construção dos edifícios, mas também pelos artefatos interiores, como mobiliários, ornamentos, móveis, armas e etc.. Posteriormente, aquilo que não se tratava de construção foi se tornando responsabilidade de outras categorias, como carpinteiros, ferreiros e marceneiros. Isso acontecia por que em determinado momento, os edifícios passaram a ser vistos de forma diferente dos outros objetos, sob um ponto de vista artístico.

Ainda na Idade Média, o sistema de ensino de arquitetura permanecia a base da relação mestre e pupilo, porém não mais restrito à uma ordem familiar, como acontecia na Antiguidade Clássica. Neste tempo, os mestres já começavam a ensinar em troca de dinheiro ou trabalho. Como Gary Stevens explica em seu livro “O círculo Privilegiado”:

... mecanismo auto-regulador da pupilagem [...] foi uma modificação introduzida no sistema de aprendizado medieval, no qual um aprendiz pagava em trabalho a instrução que recebia ao mestre, uma vez que um pupilo com contrato pagava em dinheiro para ser ensinado. (STEVENS, Garry. 2003, p. 200).

Segundo o mesmo autor, a pupilagem durava cerca de cinco a seis anos, e existia uma exigência de frequência em alguma academia de artes local, e em alguns casos, viagens para o exterior.

Formalmente, essa forma de ensino deixa de existir a partir da década de 1920. No entanto, as heranças deste sistema perduram até hoje dentro das academias de arquitetura. Basta-se analisar como funcionam as orientações de projeto nas matérias práticas e a forma como os alunos normalmente tendem a seguir certo "estilo" de maior apreço, dentre os quais estudam nas matérias de teoria e história da arquitetura e urbanismo.

No período Renascentista, temos um novo homem, e um arquiteto mais curioso e ousado, bem como o surgimento das primeiras escolas de arquitetura. Foi para muitos, um marco na história da arquitetura. Um período em que começaram a surgir as rotas comerciais, a abertura de bancos e houve o nascimento da imprensa, que facilitava a disseminação de novos conhecimentos. Jonathan Glancey afirma que foi durante o período renascentista que o desenho em perspectiva nasceu, e junto com ele, o acesso da população aos livros que, até então, eram restritos ao clero e rigorosamente



supervisionados pela classe clerical: “Pintores, cientistas, e arquitetos começaram a ver-se não como peões a serviço de um Deus celestial implacável, mas como a medida de todas as coisas. Eles, não Deus, tinham nas mãos o compasso para dar forma a seus povoados, cidades e arquitetura.” (GLANCEY, 2001 p.67).

Leonardo da Vinci é o melhor exemplo intelectual de sua época, uma personalidade racional, investigativa, e com uma curiosidade cujos limites beiravam apenas a seu potencial de invenção. Da Vinci é considerado por historiadores, o intelectual mais completo que já existiu. Pintor, escultor, poeta, músico, cientista, arquiteto, engenheiro, inventor, matemático, anatomista e botânico. Sua criatividade ilimitada é um exemplo que poderia inspirar arquitetos de todo o mundo, uma vez que não lhe fez uso em apenas uma área do conhecimento, mas sim em todas as áreas em que ele via interesse, e foi bem-sucedido em grande parte delas.

O arquiteto dos séculos XX e XXI

Do final do século XVIII, até os dias atuais, a arquitetura passa por grandes transformações, do mesmo modo que a forma de pensar e produzir.

O desenvolvimento tecnológico dos meios de construção e os novos meios de transporte, a descoberta e criação de novos sistemas construtivos, a preservação ambiental e a preocupação com o patrimônio histórico, a era da informação e a industrialização das construções são alguns dos fatores que se fazem refletir na paisagem que temos atualmente nas cidades de todo o mundo.

Mesmo que a profissão do arquiteto tenha se modificado ao longo dos anos, manteve sua essência no modo de ensino e no perfil de profissão herdada da Renascença. O arquiteto, que oscilava por definição, há algumas décadas no Brasil, entre arquiteto-engenheiro e arquiteto-artista, é chamado, hoje, de arquiteto e urbanista responsável não só pela construção, mas por toda a modificação da paisagem urbana. Até os anos 1980, a profissão ainda se chamava "engenheiro-arquiteto", o que nos deixa uma herança não muito saudável em termos de interdisciplinaridade entre os profissionais de ambas as áreas.

Há quase dois séculos existe, pois, um especialista da projeção artística dos edifícios - o arquiteto - e um especialista na projeção técnica dos edifícios - o engenheiro - que deveriam colaborar entre si, mas que a maioria das vezes executam um trabalho independente. (BENÉVOLO, 2001, p. 84).



O trabalho que deveria ser conjunto e colaborativo, muitas vezes é feito de forma independente, inclusive ocorrendo em certas circunstâncias, casos de profissionais que executam tarefas além de suas atribuições.

Foi no século XX que inúmeras personalidades se destacaram por sua maneira peculiar de produzir arquitetura, que revolucionou os campo de atuação da profissão. Alguns exemplos são Walter Gropius (1883-1969), o criador da primeira escola de Design do mundo, a famosa Bauhaus; Le Corbusier (1887-1965), o criador do que hoje chamamos de modernismo, estilo que influenciou grandes personalidades de todo o mundo, como o brasileiro Oscar Niemeyer (1907 - 2012) que elevou o Brasil ao âmbito mundial da arquitetura, e o ilustre Frank Lloyd Wright (1867-1959), criador da famosa *Fallingwater House*.

Outros exemplos são os que Leonardo Benévolo chama de "Os inovadores da arquitetura europeia", em seu livro "A Arquitetura no Novo Milênio": Norman Foster (1935-), que introduziu uma nova forma de pensar a arquitetura tecnológica em parceria com o meio ambiente; Richard Rogers (1933-), que fez um trabalho semelhante ao de Foster, porém pensando na arquitetura modular de forma "montável e desmontável"; Renzo Piano (1937-), um dos pais do *High Tech*, e com um talento que Benévolo destaca como "[...] de origem estritamente tecnológica e quase artesanal, totalmente anômala no ambiente italiano, onde quase todos os arquitetos modernos, desde os anos 30, têm uma formação humanística..."; Jean Nouvel (1945-), que em seu projeto do Instituto do Mundo Árabe, associa tecnologia eficiência energética, e beleza, de forma completamente original.

Na pesquisa que deu origem a este artigo, são analisados outros arquitetos cuja forma de pensar a solução de problemas e propostas de inovação leva a uma clara associação do perfil destes arquitetos ao de um empreendedor, levando em consideração suas características, como criatividade, invenção, e administração de um problema.

O empreendedorismo, o individualismo e as novas formas de trabalho surgem a partir dos anos 80 do século XX, modificando também o modo de trabalho dos arquitetos. No entanto, não parece que os projetos pedagógicos têm refletido as novas demandas. As tendências e exigências do mercado e do cotidiano do século XXI têm sido bem atendidas por aqueles arquitetos, cujo percurso individual o preparou para tanta diversidade.



Os fundamentos do empreendedorismo

Quando se fala em empreender, não se trata apenas o assunto “negócios”. Robert Baron e Scott Shane explicitam uma série de fatores e processos determinantes que podem resultar em algo próspero, seja um produto ou serviço. Estes fatores são caracterizados pelos autores como os fundamentos do empreendedorismo, que se baseiam em duas vertentes somadas: As habilidades do empreendedor, e as características principais do empreendedorismo, que abordaremos a seguir. As características do empreendedorismo são elencadas por Baron como matérias-primas, elementos essenciais para a vida do indivíduo que deseja empreender. Elas são: Criatividade, inconformismo, inovação, coragem, persistência e oportunidade.

A capacidade criativa é um dos fatores mais determinantes do empreendedor, senão o mais importante. Exercitar a criatividade é o que permite criar uma solução ao enxergar um problema, ou uma situação que necessite de mudança. Um empreendedor que não desenvolve sua capacidade de criar algo novo, ou de utilizar recursos que já existem de maneira eficiente e inovadora, não passa de um mero administrador. O poder criativo do ser humano e a curiosidade, foram os fatores que nos permitiram evoluir das cavernas até os arranha-céus, e é o que pode transformar um pequeno empreendimento em uma multinacional. (BARON; SHANE, 2007).

O inconformismo com determinada situação é o que move o empreendedor, é o que o leva a querer mudar determinado sistema, ou criar algo novo. No meio profissional, a ausência de postura crítica pode resultar em conformidade, estagnação, e muitas vezes falta de rendimento. Por conta desse fator, aqueles que se destacam são os profissionais com espírito empreendedor. Estes, que ao se deparar com um problema não se contentam apenas em administrá-lo, mas buscam resolvê-lo, ou pelo menos, amenizá-lo, são os que encantam os clientes e empregadores de todas as áreas. (BARON; SHANE, 2007).



A inovação talvez seja a característica mais difícil de se descrever, uma vez que pode ser associada à criatividade do indivíduo. No entanto, inovar nem sempre se trata de criar algo novo. A inovação é basicamente o que provoca um desequilíbrio em determinado sistema existente, como disse Schumpeter. Muitas vezes para se resolver um problema não é necessário criar algo novo, mas sim mudar os processos operacionais que resultem na questão problemática. Um exemplo de inovação é o próprio Henry Ford. Para aumentar o desempenho da produção automobilística, e diminuir os custos operacionais, não foi necessária a criação de uma máquina mágica que fabricava carros em série, mas sim organizar e inovar a forma como as coisas funcionavam no sistema de montagem e produção dos automóveis, se baseando em um sistema já existente. Este novo sistema é o que chamamos hoje de "linha de montagem", capaz de fabricar um carro a cada 98 minutos. (DORNELAS, 2001).

O empreendedor, nada mais é do que um ser humano como qualquer outro, e o que o qualifica como tal são seus sentimentos e capacidade de pensar e agir em conformidade com eles. No entanto, o empreendedor utiliza seus sentimentos como ferramentas motivacionais para colocar suas ideias em prática, ao invés de se deixar dominar por eles, e se manter na linha de pensamento tradicional. É o que chamamos de coragem. Ao se deparar com um problema, e a partir dele pensar uma solução é o que todos os seres humanos são capazes de fazer. A coragem de agir em cima daquilo e ir atrás de mudar o sistema de fato, apesar das adversidades externas, é o que diferencia os empreendedores dos administradores. (BARON; SHANE, 2007). Além disso, é necessário que o empreendedor tenha em sua consciência as possibilidades tanto de sucesso, quanto de fracasso. Como dito anteriormente, o empreendedor é um ser humano, e está suscetível a erro, como qualquer outro. A diferença está em como o indivíduo lida com seus erros e fracassos. Portanto, é necessário que ao querer empreender, é necessário ter coragem para assumir riscos, e lidar de forma madura e profissional com eles.

Em tempos de mercado estagnado, como é hoje, o arquiteto e urbanista precisa ter a mente aberta para novas ideias e oportunidades, e para isso, é necessário que ele inove se quiser ter êxito financeiro com a profissão, e ser valorizado como profissional competente.



Quem estudou vários anos para ser arquiteto, agora precisa saber que deve ir além de seu ofício primário se quiser alcançar a independência financeira no longo prazo. Todo profissional, além de ser devidamente preparado, deve ser também um precavido poupador, um investidor metódico e um empreendedor eficiente. (PADILHA; TOSETTO, 2015, p. 57).

Se a maioria dos profissionais em arquitetura e urbanismo é autônoma ou sócia de escritórios, é iminente que o perfil empreendedor destes profissionais deve ser melhor explorado para que a profissão tome rumo ao crescimento e à valorização.

Durante os anos de academia, o estudante elabora uma série de projetos em diferentes escalas e contextos, que propõem uma solução para um problema ou demanda local. Estas soluções normalmente acontecem de maneira criativa, interdisciplinar, crítica e contextualizada, e em alguns casos ultrapassam a barreira do projeto técnico em arquitetura. Isso tudo graças às habilidades aprendidas na universidade.

Considerações Finais

Nos diversos momentos em que o perfil dos arquitetos foi se transformando, a falta de espaço para operar na sociedade talvez tenha sido o maior fator motivador para que isso acontecesse. Quando na baixa Idade Média o ofício fora desvalorizado, o arquiteto precisou se tornar mais polivalente e buscar mais conhecimento, aprender novas formas de pensar. O que ao longo dos anos foi lapidando a figura do profissional pluralista do Renascimento, quando alguns arquitetos também eram inventores, e vice-versa, como Leonardo Da Vinci.

Como toda e qualquer profissão, o mercado da arquitetura e urbanismo tem profissionais que se mantêm em mercados de crise. Estes são aqueles que normalmente possuem a capacidade de se reinventar.

Ao longo do trabalho realizado, foi possível perceber que o arquiteto sempre teve esta capacidade, e que o contexto do ensino da profissão no Brasil é propício para uma reinvenção que explore o potencial criativo destes profissionais.

Percebeu-se uma lacuna na formação acadêmica na Arquitetura e Urbanismo até 2016 quanto a estes novos modos de interação e preparação para o trabalho. De modo distinto, outras formações profissionais sim já têm agregado aos seus currículos estas demandas do século XXI.



Referências

Livros

BARON, Robert A.; SHANE, Scott A. **Empreendedorismo: uma visão do processo**. São Paulo. Cengage Learning, 2011.

BENEVOLO, Leonardo. **A Arquitetura no Novo Milênio**. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

BENEVOLO, Leonardo. **A Cidade e o Arquiteto**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. São Paulo: Elsevier, 2001.

GLANCEY, Jonathan; FOSTER, Norman. **A História da Arquitetura**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

PADILHA, Ênio; TOSETTO, Jean. **Arquiteto 1.0: Um manual para o profissional recém-formado**. Santa Catarina: Oitovetrês, 2015.

STEVENS, Garry. **O círculo privilegiado: Fundamentos sociais da distinção arquitetônica**. 1 ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2003.

VITRUVIUS. **Ten Books on Architecture**. Cambridge, [S. l. S. n], 2006. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/20239/20239-h/29239-h.htm>> Acesso em: 16 Mar. 2016.

Artigos de periódicos on line

BELHOSTE, Bruno. **A figura do Arquiteto-Engenheiro na Antiguidade**. 2011. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2287>> Acesso em: 14 Mar. 2016.

MACHADO, Roberta. **Muito mais que pintor, Leonardo da Vinci foi um criativo cientista e inventor: Na arquitetura e no urbanismo, projetou edifícios, pontes e cidades inteiras, além de criar técnicas de construção válidas até hoje, quase cinco séculos após sua morte**. 2015. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/01/05/interna_tecnologia,604747/leonardo-o-arquiteto.shtml> Acesso em: 03 Mai. 2016.